

O ITINERÁRIO DO CONHECIMENTO: A RELAÇÃO ENTRE SER E CONHECER EM BOAVENTURA DE BAGNOREGIO

THE ITINERARY OF KNOWLEDGE: THE RELATIONSHIP BETWEEN AND TO BE AND TO KNOW AT BOAVENTURA
BAGNOREGIO

Lucas Duarte Silva¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo mostrar o processo do conhecimento verdadeiro em Boaventura de Bagnoregio a partir de três obras do pensador franciscano: a *De Reductione Artium ad Theologiam*; o *Itinerarium Mentis in Deum* e o sermão *Christus unus omnium magister*. Ao explorar este tema passaremos pela concepção de Homem em Boaventura, o agente que se lança no itinerário do conhecimento, que inicia com a experiência e culmina numa experiência mística do Ser. A hipótese inicial deste trabalho é que o agente conhece na medida em que reconhece o ser dos entes, transparecendo a íntima relação entre ser e conhecer.

Palavras-chave: Homem. Conhecimento. Ser Primeiro.

Abstract

This article aims to show the process of true knowledge in Bonaventure of Bagnoregio from three works of Franciscan's thinker: the *De Reductione Artium ad Theologiam*; o *Itinerarium Mentis in Deum* and sermon *Christus unus omnium magister*. In exploring this theme we will conception the Man in Bonaventure, the agent that pounces on the itinerary of knowledge, which starts from experience and ends in a mystical experience of Being. The initial hypothesis of this study is that the agent knows in that it acknowledges the being of beings, demonstrating the close relationship between being and knowing.

Keywords: Man. Knowledge. Being First.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo explorar a relação que ocorre entre *ser* e o *conhecer* em Boaventura de Bagnoregio², especialmente no que tange a teoria do conhecimento. Para

¹ Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: lucasfilo@gmail.com

² Giovanni Fidenza nasceu em Bagnoregio, na Itália, no ano de 1217. Filho de um médico teve uma infância marcada por enfermidades que passaram após uma promessa feita pela sua mãe a São Francisco de Assis. Em 1235, ingressou para Faculdade de Artes de Paris, onde permaneceu até 1243; mesmo ano que ele ingressou na ordem franciscana. Estudou teologia de 1243 a 1248 sob orientação de grandes mestres, entre eles: Alexandre de Hales. Em 1248, tornou-se bacharel bíblico na Universidade de Paris e, em 1250, recebeu o título de bacharel sentenciário, comentando os quatro Livros da Sentença de Pedro Lombardo. Em 1254, conseguiu o título de magister ou de maestro regente na Universidade, onde permaneceu até dois de fevereiro de 1257, quando foi eleito ministro geral da ordem dos franciscanos. Em 1265, foi nomeado arcebispo de York, na Inglaterra, pelo

isto, podemos enumerar algumas questões norteadoras: (i) Como ocorre em Boaventura o conhecimento, ou, como ocorre o processo do conhecer? (ii) Em quais condições há o conhecimento e qual é a garantia do conhecimento? (iii) Até que ponto o ser humano pode conhecer? (iv) Se posso conhecer a essência dos entes? Se for o caso, como tenho acesso a esta estrutura ontológica que é anterior e possibilita o conhecimento? Tais questões não se restringem ao pensamento do Doutor Seráfico, mas são questões antigas e pertinentes e que, de certo modo, ainda não estão completamente resolvidas (e, talvez, nunca terão uma resposta definitiva). O ponto aqui a ser analisado será o seguinte: como ocorre o processo do conhecimento? Em especial como podemos ter acesso aos princípios primeiros dos entes? Como hipótese inicial defender-se-á a presença de estrutura ontológica de cada ser e que a mesma é anterior e condição de possibilidade aos próprios entes e o conhecimento dos mesmos. Essa estrutura é disposta de tal modo que há um Ser que garante o conhecimento certo (verdadeiro e seguro) sobre os entes, além de ser Ele o início e final do processo de conhecimento.

Dito isso, este estudo se concentrará apenas em três obras do pensador franciscano: *De Reductione Artium ad Theologiam*; o *Itinerarium Mentis in Deum* e o sermão *Christus unus omnium magister*³. Exploraremos a concepção de Homem em Boaventura e o itinerário percorrido por ele até o conhecimento dos entes e dos primeiros princípios. Antes de iniciar nosso percurso cabe uma ressalva: não temos pretensão de dar uma resposta completa ou definitiva sobre o tema; já que, para um estudo deste porte, seria necessário recorrer às outras obras do Doutor Seráfico, o que extrapolaria os limites deste artigo.

papa Clemente IV, mas ele suplicou que a nomeação não tivesse efeito, conseguindo tal feito. Sua carreira intelectual foi permeada por diversas viagens à Assis e Roma, na Itália; bem como a Lion, na França. Faleceu em 15 de julho de 1274, em meio ao Concílio de Lião. Apesar da curta carreira acadêmica e do excesso de trabalho, Boaventura nos legou uma vasta obra: são sermões; conferências; colações (destaca-se as *Colações em Hexameron*, de 1273); comentários (destaca-se *Os quatro Livros das Sentenças de Pedro Lombardo* (1251-1254)); e tratados como: o *Brevilóquio* (1257); o *Itinerário da Mente para Deus* (1259); e a *Redução das Ciências à Teologia* (1254-1255). Sobre isto conferir em BOUGEROL, 1990, p. 9-90. Sobre a vida e carreira intelectual de Boaventura ver também na *Introdução* da tradução brasileira escrita por DE BONI, 1999, p.17-21.

³ Ao longo do texto aparecerão citações destas três obras identificadas com as seguintes siglas: *RC* (Recondução das Ciências à Teologia), *Itin* (Itinerário da mente para Deus) e *CR* (Cristo, único mestre de todos); seguido do capítulo (no caso do *Itinerário da mente para Deus*) e do parágrafo e do número de página (sempre com referência a edição brasileira das obras). Utilizaremos no corpo do texto as traduções publicadas para português e recorreremos à edição latina quando for necessário.

1. O Homem

Para Boaventura o homem é um ser constituído de corpo e de alma. O primeiro é a parte material; seria como o gesso para o escultor, configurando-se como a matéria propriamente dita; já a alma é composta por faculdades que permitem o conhecimento e a contemplação das coisas que se encontram no mundo sensível e da contemplação da Verdade. O mundo sensível (exterior ao agente), por seu turno, é constituído de *substâncias que geram*, de *substâncias geradas* e de *substâncias que regem* as outras duas⁴. A primeira classe corresponde a todas as formas compostas pelos corpos simples (os quatro elementos – ar, água, terra e fogo – e a essência). A classe das *substâncias geradas* configura-se nos corpos compostos de diversos elementos, como os minerais, os vegetais, os corpos dos animais e dos homens. Por último, as *substâncias espirituais* são os espíritos celestiais ou as inteligências⁵. O corpo humano é um corpo gerado, isto significa que possui os corpos simples e a inteligência, ou a “luz” que une os elementos. Por que ressaltar isto?

Bem, Boaventura faz uma analogia do ‘macrocosmo’ com o ‘microcosmo’. Segundo ele, no *Itinerário da mente para Deus* podemos, através dos sentidos, ter acesso à luz que permite a distinção das coisas corporais. O homem pode conhecer todas as formas corpóreas, pois foi dotado de cinco sentidos correspondentes aos corpos simples que constitui as coisas no mundo. Diz ele,

O homem, que é um ‘pequeno mundo’, tem cinco sentidos que são como as portas por meio das quais o conhecimento das realidades sensíveis entram em sua alma. Com efeito, pela vista entram os corpos celestes e luminosos e os corpos coloridos. Pelo tato entram os corpos sólidos e terrestres. Pelo outros três sentidos entram os corpos intermédios. Assim, pelo gosto entram os corpos líquidos; pelo ouvido, os aeriformes; pelo olfato, os vaporáveis [...] Em resumo, os corpos simples e os corpos compostos entram em nossa alma por meio dos sentidos⁶.

⁴ *Itin*, II, §2, p.305.

⁵ *Itin*, II, 1 e seguintes. Segundo JERKOVIC: “S. Boaventura, historicamente, reflete o substrato cosmológico medieval [...]. Hoje – é claro – essa visão ptolomaica do cosmo está completamente ultrapassada. Isso, porém, em nada diminui a exposição de S. Boaventura. O valor perdurável de sua lição radica naquilo que este capítulo e o anterior intencionam: ‘redescobrir’ a sacramentalidade da matéria” (1999, p.305, nota 29).

⁶ *Itin*, II, 3, p.306. Texto latino: “Homo igitur, qui dicitur *minor mundis*, habet quinque sensus quae quinque portas, per quas intrat cognitio omnium, quae sunt in mundo sensibili, in animam ipsius. Nam per *visum* intrant corpora sublimia et luminosa et cetera colorata, per *tactum* vero corpora solida et terrestria, per tres vero *sensos intermedios* intrant intermedia, ut per *gustum* aquea, per *auditum* aërea, per *odoratum* vaporabilia, quae aliquid habent de natura humida, aliquid de aërea, aliquid de ignea seu calida, sicut patet in fumo ex aromatibus resolutum”.

Os sentidos se configuram como uma faculdade ou iluminação importante no processo do conhecimento. Pois, cada sentido tem uma função e é responsável pela captação das sensações; mas elas não poderiam desempenhar bem esta função se fossem estranhas aos objetos, por isso a similitude e conveniência entre órgão e objeto. Não obstante é por causa disso que aparece esta noção na qual o homem seria um “pequeno mundo”⁷ constituindo-se em si como uma síntese da criação.

Além de corpo, o homem é dotado de alma. A alma é a parte racional que é composta, por sua vez, por seis faculdades, são elas: os sentidos, a imaginação, a razão, o entendimento, a inteligência e o ápice da mente ou a centelha da *sindérese*⁸. Esta é a “disposição original de nossa natureza”⁹. Sendo assim, o Homem está apto para a felicidade, o gozo do sumo Bem¹⁰ ou o repouso da contemplação¹¹ pois, como síntese entre o finito e o infinito, o homem possui as potências necessárias para compreender os primeiros princípios e gozar da Verdade para o qual foi criado.

Entretanto o homem voltou-se para um bem perecível, acreditando estar ali à felicidade, acabou se desviando da verdadeira luz e condenando todo gênero humano à ignorância do espírito e a concupiscência da carne. Diz ele,

Tendo-se o homem, porém apartado da verdadeira luz e tendo-se voltado para um bem perecível, encontrou-se inclinado por própria culpa para a terra, e com o pecado original, inclinou todo o gênero humano com uma dupla miséria: a ignorância do espírito e a concupiscência da carne. O homem, assim cegado e inclinado para terra encontra-se atado nas trevas e é incapaz de ver a luz do céu¹².

⁷ Diz S. Boaventura, “Como Deus criou o universo em seis dias e no sétimo repousou, assim também esse pequeno mundo, que é o homem, há de ser conduzido com perfeitíssima ordem ao repouso da contemplação” (*Itin*, I, 5) e “[...] o homem, que é um ‘pequeno mundo’, tem cinco sentidos que são como as portas por meio das quais o conhecimento das realidades sensíveis entra em sua alma” (*Itin*, II, 3)

⁸ *Sindérese* deriva do grego *synderesis*. Como veremos mais adiante, este se configura como o último estágio do conhecimento, isto ocorre quando a alma se une a Deus, primeira causa, e consegue compreender o que é com o que devia ser. Segundo BOEHNER: “*Apex mentis seu synderesis scintilla*, the summit of the mind or the spark of synderesis. This is the highest power of the soul, the apex, and from here the mystical *transitus* or mystical union proceeds” (2002, p.163).

⁹ *Itin*, I, 6, p.299.

¹⁰ *Itin*, I, 1, p.295.

¹¹ *Itin*, I, 7, p.299.

¹² *Itin*, I, 7, p.299. Texto latino: “Sed avertens se a vero lumine ad commutabile bonum, incurvatus est ipse per culpam propriam, et totum genus suum per originale peccatum, quod dupliciter infecit humanam naturam, scilicet *ignorantia* mentem et *concupiscentia* carnem; ita quod *excaecatus* homo et *incurvatus* in tenebris sedet et caeli lumen non videt”.

Eis porque mesmo com a onipresença de Deus nem todos conseguem enxergar a luz da verdade e, por conseguinte, os primeiros princípios, pois estão obstruídos pela concupiscência e presos na contingência do sensível. Começa então ‘o itinerário’ do homem que busca compreender os primeiros princípios e o verdadeiro ser de cada ente presente no mundo sensível. Em outras palavras, inicia-se o processo de conhecimento que possibilita o gozo da verdadeira felicidade. Entretanto é necessário ter cautela, já que, o desespero de encontrar a verdade, a presunção dos sentidos e a divergência de juízos, são coisas que nos impedem de chegar a Verdade¹³.

2. O Processo de Conhecimento

Para ascender a esta Verdade devemos começar através das sensações oriundas dos seres da natureza e que são captadas pelos sentidos. Eis o início do itinerário do pobre que busca a verdade. A primeira das seis iluminações progressivas têm seu ponto de partida no mundo sensível, nos corpos materiais. Nas palavras de Boaventura: “(...)coloquemos, pois, na base o primeiro degrau de nossa ascensão a Deus e comecemos por contemplar todo este mundo sensível como um espelho através do qual podemos chegar até Deus, o artista soberano”¹⁴.

O Doutor Seráfico utiliza a metáfora do anjo Serafim para explicar as faculdades que permite ao homem chegar à primeira causa. Para ele, cada asa do anjo representaria simbolicamente os degraus que o homem deve subir até à contemplação¹⁵. Sendo assim, o primeiro par de asas, aqueles que quase tocam o chão, são consideradas as duas primeiras vias; a saber: os sentidos e a imaginação.

Por que elas se configuram como ponto inicial?

¹³ Sobre esses três empecilhos. Diz ele: “Como, pois, são três as coisas que nos impedem chegar à verdade, isto é, a presunção dos sentidos, a divergência de juízos e o desespero de encontrar a verdade, por isso, Cristo, querendo evita-las, diz: ‘Um só é vosso mestre, Cristo’” (CR, §28, p.386).

¹⁴ *Itin*, I, 9, p.300. Texto latino: “[...] *primum* gradum ascensionis collocemus in imo, ponendo totum istum mundum sensibilem nobis tanquam speculum, per quod transeamus ad Deum, opificem summum [...]”.

¹⁵ Diz ele: “As seis asas do Serafim podiam muito bem simbolizar as seis elevações ou iluminações progressivas, pelas quais nossa alma como que por certos degraus ou vias, dispõe-se à posse da paz através dos arrebatamentos extáticos da sabedoria cristã” (*Itin*, I, 3, p.292).

Partindo do pressuposto de que Deus é o primeiro princípio, eterno e o sumo Bem; e que é próprio do Bem difundir-se e comunicar-se em todo o universo. Logo, toda a natureza ou todos os seres são manifestações d'Ele¹⁶. Mas Ele se manifesta de duas formas:

A) *Enquanto Deus se expressa a si mesmo para si mesmo*, o Verbo é a semelhança do Pai. É nessa manifestação que Deus se conhece.

Nas palavras de De Boni:

É nessa manifestação que Deus se conhece [...] mas de um modo diferente daquele que realiza o conhecimento humano: o conhecimento, que tem de si próprio, é de todo igual a si mesmo, e nada lhe acrescenta. Conhecer, para Deus, é um ato em que ele todo se projeta e em que se reflete a si mesmo, de modo completo e perfeito¹⁷.

Por que esta manifestação é importante? Porque ela mostra que Deus se difunde internamente e na medida em que se difunde não abre espaço para o não-ser, ou “lacunas”, torna-se ato puro, pura perfeição e manifestação do Ser.

B) Entretanto, *quando Ele se expressa a si mesmo para fora de si mesmo* o Verbo é o modelo; é a ideia primitiva de todas as coisas através do qual Deus se expressa.

Ora, é nesta segunda forma de manifestação que temos a ligação entre os dois planos. Pode-se fazer aqui um paralelo com o ‘demiurgo’ de Platão. Para o filósofo grego é o demiurgo que faz a ligação entre o mundo supra-sensível e o sensível, pois ele molda cada ente de acordo com a sua determinada forma eterna. Em Boaventura, o Verbo tem a mesma tarefa, mas com um ‘porém’, o Verbo aqui - além de artífice - é criador das primeiras formas, na medida em que o mesmo faz parte da santíssima trindade. É nesta manifestação que Deus “se esconde”, ou melhor, “reflete” nas criaturas e onde o homem pode perceber ou captar a presença da primeira causa nos seres criados. Contudo, esta manifestação nos seres criados ocorre de três maneiras, a saber: os *vestígios*, as *imagens* e os *semelhantes*.

¹⁶ Eis a visão franciscana da sacramentalidade da matéria: todo o mundo é uma manifestação de Deus; como um espelho que reflete a luz divina. De acordo com Jerônimo JERKOVIC, o Doutor Seráfico retoma um aspecto platônico-agostiniano, “depurado, porém, daquele certo pessimismo com relação à matéria, que parece estar presente, sobretudo, no dualismo do pensador grego. A matéria aparece, antes, na visão franciscana da realidade criada, elevada à nobre tarefa de sacramento de Deus” (1999, p.304, nota 28).

¹⁷ DE BONI, 1999, p.39.

Os *vestigios* são criaturas irracionais da natureza. As *imagens* são as criaturas racionais, enquanto os *semelhantes* são as criaturas deiformes, aquelas que podem ascender de forma mística até Deus. Importante ressaltar aqui que o homem é feito a imagem e semelhança, o que significa que pode aceder até o Princípio Primeiro. As três formas de manifestação divina são importantes no processo de conhecimento, pois “(...) para chegarmos à consideração do primeiro princípio essencial espiritual, eterno e acima de nós, é necessário passarmos pelo vestígio, que é material, temporal e exterior”¹⁸.

Aliás, sobre as coisas sensíveis o Doutor Seráfico distingue três modos de existência: em si mesma (*in genere*), no conhecimento humano (*in mente*) e em Deus (*in aeterna ratione*) - enquanto a sua forma Ideal e imutável¹⁹. Sobre a primeira, em si mesma, a coisa sensível é a coisa mesma, como ela aparece, mas carece de sentido, é como um ‘conceito vazio’. Entretanto este ‘conceito vazio’ ganha um significado ou sentido na medida em que os homens, dotados de suas faculdades, apreendem a ideia ou atributos universais desta coisa sensível; e será verdadeiro na medida em que os conceitos se adéquam às coisas.

Entretanto, para que o homem possa perceber esses atributos universais nas coisas sensíveis, torna-se necessário que elas, as coisas sensíveis, tenham traços universais ou uma forma imutável, única, que permita a distinção dos outros entes. Em última instância um estatuto ontológico. É neste sentido que a coisa sensível existe na mente eterna, na mente de Deus²⁰.

Eis, então, porque não se pode desprezar a matéria corpórea, os entes, os seres sensíveis. Mesmo não possuindo as faculdades que permitem a elevação até a primeira causa, os seres sensíveis também são formas da manifestação divina. Mas como captamos corretamente os entes presentes no universo? Ou melhor, como apreendemos os dados oriundos dos sentidos?

¹⁸ *Itin*, I, 2, p.296. Texto latino: “[...] quod perveniamus ad primum principium considerandum, quod est spiritualissimum et aeternum et supra nos, oportet nos transire per vestigium, quod est corporale et temporale et extra nos”.

¹⁹ Na obra “*Cristo, único mestre de todos*” Boaventura diz: “visto, pois, as coisas existirem como realidades em si mesmas, como realidades intelectuais e como razões eternas, é claro que seu ser não é imutável, quando se encontram na primeira e na segunda condição, mas somente quando se encontram na terceira, isto é, enquanto existem no Verbo encarnado”(CR, §7, p.374).

²⁰ Entra em jogo a duplicidade ontológica. Uma vez que a ideia de um ente existe em Deus, mas também existe no mundo sensível. Entretanto a primeira é mais perfeita que a segunda.

Dado que os sentidos configuram-se como a primeira iluminação, a segunda é a Imaginação, sendo ela responsável pela transição das informações recebidas nos sentidos para a razão. Diz ele, “(...) as coisas sensíveis - que são as primeiras a penetrarem na alma pela porta dos cinco sentidos -, sendo exteriores e materiais, não entram pela sua substância material, mas unicamente pela sua semelhança ou imagem”²¹.

A faculdade da imaginação é o “lugar intermediário” onde é montada a imagem do objeto exterior, que será apurada posteriormente pela razão. Essa, por sua vez, através da abstração e do juízo pode-se chegar a termos gerais sobre o objeto, e não somente isto, mas podemos contemplar seu princípio. Por isso, “(...) a imagem percebida é uma semelhança do objeto gerada num lugar intermédio e impressa depois no órgão, por meio dessa impressão, nos induz ao conhecimento de seu princípio”²². Completa o franciscano afirmando: “portanto, se todas as coisas cognoscíveis têm a virtude de gerar uma imagem de si mesmas, é evidente que em todas elas podemos contemplar, como através dum espelho, a eterna geração do Verbo, Filho e Imagem de Deus, eternamente emanado do Pai”²³. Temos aqui uma forte tese sobre as ideias. O homem não cria as ideias sobre os objetos, antes disso, elas são apreendidas por ele através das suas faculdades. Ao homem cabe captar a ideia gerada no contato com o objeto exterior que lhe permite conhecer o objeto, ou o ente, e identificar a presença de Deus, por isso, “as criaturas do mundo visível são os sinais das perfeições invisíveis de Deus”²⁴.

Se os dois primeiros degraus percorridos até o momento consideram apenas os vestígios, ou seja, algo exterior ao agente do conhecimento, agora, no processo de conhecimento, Boaventura incorpora o ideal de ‘interioridade’ de Agostinho, pois os entes fizeram com que nós olhássemos para nós mesmos e para nossa alma. É por isso que considerando nós mesmos neste terceiro degrau, como se suspendesse o mundo sensível,

²¹ *Itin*, II, 4, p.307. Texto latino: “Haec autem sensibilia exterior sunt quae primo ingrediuntur in anima per portas quinque sensuum; intrans, inquam, non per substantias, sed per similitudines suas”.

²² *Itin*, II, 7, p. 310. Texto latino: “Nam cum species *apprehensa* sit similitudo in medio genita et deinde ipsi organo impressa et per illam impressionem in suum principium”.

²³ *Itin*, II, 7, p. 310. Texto latino: “Si ergo omnia cognoscibilia habent sui speciem generare, manifeste proclamant, quod in illis tanquam in speculis videri potest aeterna generatio Verbi, Imaginis et Filii a Deo Patre aeternaliter emanantis”.

²⁴ *Rm* 1, 20.

encontraremos a luz da verdade, mesmo que num primeiro momento à maneira de um candelabro²⁵. Diz o Doutor Seráfico,

Entra, pois, ó homem, em ti mesmo e observa com que ardor tua alma se ama a si própria. Ora, ela não poderia amar-se, se não se conhecesse. Nem poderia conhecer-se, se não tivesse lembrança de si mesma. Porque nossa inteligência não aprende senão aquelas coisas que a memória torna presente²⁶.

Aqui, Boaventura inicia uma tese forte no que tange ao conhecimento. Segundo ele a memória, como uma potência da alma, nos possibilita reter e representar, não só as coisas presentes corpóreas e temporais, mas também as contingentes, simples e eternas²⁷. É através dela que temos a lembrança das leis eternas, onde, juntamente com a inteligência, podemos compreendê-las. A inteligência que nos dá os termos mais gerais, no qual sem ela não haveria conhecimento.

Toda definição, porém faz-se por meio de termos gerais, até chegarmos às noções supremas e totalmente gerais, sem cujo conhecimento não podemos dar a definição dum termo inferior. Se, pois, ignoramos o que é ser em si, é impossível definir perfeitamente uma substância específica²⁸.

Além disso, a inteligência compreende realmente uma proposição quando reúne elementos que sejam verdadeiros, ou seja, quando ela não pode ser de outra maneira. Para que isto ocorra, torna-se necessário a iluminação de uma luz invariável, já que “(...) nossa inteligência está unida à Verdade eterna, porque sem o socorro da sua luz nada podemos conhecer com certeza”²⁹.

²⁵ Ao voltar-se para si o homem começa uma “nova” etapa de seu itinerário que no início é escuro e a luz que aparece ainda é fraca. Ver em *Itin*, III, 1, p. 316s. DE BONI adverte que “se o homem parte do sensível, não quer isso significar que a inteligência abstraia dele a universalidade e imutabilidade de seus juízos, já que o sensível não é propriamente o que move a alma: atingida por ele, ela descobre em si mesma a verdade inteligível” (1999, p.49).

²⁶ *Itin*, III, 1, p. 316s. Texto latino: “Intra igitur ad te et vide, quoniam mens tua *amat* fevertissime semetipsam; nec se posset amare, nisi se *nosset*; nec se nosset, nisi sui *meminisset*, quia nihil capimus per intelligentiam, quod non sit praesens apud mostram memoriam”.

²⁷ Sobre o papel da memória, diz ele: “retendo os princípios e os axiomas das ciências, faz-nos ver que a memória traz em si mesma uma luz imutável, sempre presente na qual conserva a lembrança das verdades imutáveis” (*Itin*, III, 2, p.318).

²⁸ *Itin*, III, 3, p.318. Texto latino: “Sed definitivo habet fieri per superiora, et illa per superiora definiri habent, usquequo veniatur ad suprema et generalissima, quibus ignoratis, non possunt intelligi *definitive* inferiora. Nisi igitur cognoscatur, quid est *ens per se*, non potest *plene* sciri definito alicuius specialis substantiae”.

²⁹ *Itin*, III, 3, p.320. Texto latino: “Ex quo manifeste apparet, quod coniunctus sit intellectus noster ipsi aeternae veritati, dum non nisi per illam decentem nihil verum potest certitudinaliter capere”.

Tais potências juntamente com as imagens dos objetos sensíveis (algo que é tomado como pressuposto) permitem com que o homem possa ascender à estrutura ontológica que há por traz da natureza, ainda que preliminarmente, na forma de recordação.

Para chegar ao quarto de grau, a saber: o entendimento. Boaventura julga necessário o auxílio divino, já que, mesmo as almas estando tão próximas a Deus são poucas as que contemplam em si mesmo os primeiros princípios³⁰. Isto ocorre por causa da ‘fantasia’ produzida pelas coisas sensíveis, já que:

A alma humana, distraída pelas preocupações da vida, não entra em si mesma pela memória. Obscurecida pelos fantasmas da imaginação, não se recolhe em si mesma por meio da inteligência. Seduzida pelas paixões, não volta mais a si mesma pelo desejo da doçura interior e da alegria espiritual. Assim, toda imersa nas coisas sensíveis, torna-se impotente para encontrar em si mesma a imagem de Deus³¹.

Eis a necessidade da fé como um auxílio para o correto entendimento dos primeiros princípios. No fundo, Boaventura segue fielmente o lema agostiniano “*credo ut intelligam - intelligo ut credam*”, uma vez que é necessário estar firmemente na fé para alcançar a Verdade, pois “(...) a experiência do coração o faz conhecer melhor do que as considerações da razão”³². Mais do que fé, neste estágio a alma passa a ser auxiliada cada vez mais pelos ensinamentos da Sagrada Escritura e pelas virtudes teologais, do que pela razão. A nossa alma, imersa nas coisas sensíveis, “(...) não teria podido reerguer-se perfeitamente para contemplar-se a si mesma e admirar em si mesma a Verdade eterna, se a própria Verdade, tomando forma humana em Cristo, não houvesse tornado a escada que repara a antiga escada quebrada pelo pecado de Adão³³”. O verdadeiro entendimento só é possível se o agente

³⁰ *Itin*, IV, 1, p.324.

³¹ *Itin*, IV, 1, p.325. Texto latino: “Sed ratio est in prompt, quia mens humana, sollicitudinibus distracta, non intrat ad se per *memoriam*; phantasmatis obnubilata, non redit ad se per *intelligentiam*; concupiscentiis illecta, ad se ipsam nequaquam revertitur per *desiderium* suavitates internae et laetitiae spiritualis. Ideo totaliter in his sensibilibus iacens, non potest ad se tanquam ad Dei imaginem reintrare”.

³² *Itin*, IV, 3, p.326. Texto latino: “[...] quod factum fuit ad exercitium contemplationis secundum hunc quartum gradum, quem *nemo* capit, *nisi qui accipit*, quia magis est in experientia affectuali quam in consideratione rationali”.

³³ *Itin*, IV, 2, p.325. Texto latino: “Et quoniam, ubi quis ceciderit, necesse habet ibidem recumbere, nisi apponat quis et *adiiciat, ut resurgat*; non potuit anima nostra perfecte ab his sensibilibus relevari ad contuitum sui et aeterna Veritates in se ipsa, nisi Veritas, assumpta forma humana in Christo, fieret sibi scala reparans priorem scalam, quae fracta fuerat in Adam”.

estiver firmemente na fé para poder observar a luz fontal; “a luz do intelecto criado não é, pois, suficiente para a compreensão com certeza de qualquer realidade, sem a luz do verbo”³⁴.

O quinto degrau é a inteligência, uma vez que o Ser puro apresenta-se como primeira ideia à nossa inteligência. A inteligência, auxiliada pela fé, permite “(...) contemplar a Deus não só fora de nós, e dentro de nós, mas também acima de nós. Fora de nós, pelos seus vestígios; dentro de nós pela sua imagem; e acima de nós, pela sua luz estampada sobre o nosso espírito”³⁵. Podemos então contemplar todos os atributos de Deus, ou seja, do Ser puro, sumamente Bom, sendo trino e uno e fonte de toda a Verdade e Amor. Mais do que reconhecer os primeiros princípios e fundamentar os termos universais sobre os entes, a inteligência reconhece, quase sem nenhuma ‘sombra’, a luz fontal. Agora o olho do nosso espírito se abre e contempla o esplendor do Ser supremo³⁶, chega-se ao ápice da mente humana, ao sexto degrau, a sexta asa do anjo Serafim: “a nossa humanidade tão admiravelmente exaltada e tão inefavelmente unida, vendo reunidos numa só pessoa o primeiro e o último [...] a causa e o efeito”³⁷.

Eis aqui o limite da razão humana, nem a Filosofia, nem a Teologia, conseguem comportar a totalidade da primeira causa. Elas são incapazes de captar a totalidade da luz fontal de todos os entes. Todo e qualquer discurso sai de cena, resta somente o silêncio e experiência mística para compreender o “mistério incompreensível”. Segundo o Doutor Seráfico, “para que essa passagem, porém seja perfeita, é mister abandonar todas as operações intelectuais transferir para Deus o nosso mais profundo afeto. É esse um dom místico e secretíssimo que ‘ninguém’ conhece, senão quem o recebe”³⁸.

A razão apenas mostra, mas não consegue comportar o significado desta totalidade. Ela é como o olhar de alguém observando para uma fotografia de uma paisagem qualquer; a

³⁴ CR, 10, p.376. Texto latino: “Lux ergo intellectus create non sufficit ad certam comprehensionem rei cuiuscumque absque luce Verbi aeterni”.

³⁵ *Itin*, V, 1, p.331.

³⁶ “Ao afirmar que o homem tem de Deus uma idéia inata, Boaventura não entende com isso que o homem possui uma visão imediata de quem seja Deus, uma intuição de Deus a modo do ontologismo; sua intenção é dizer que esse conhecimento é a possibilidade primeira na qual realiza-se todo e qualquer conhecimento. Dizer que Deus é o primeiro conhecido não significa dizer que ele seja o objeto primeiro do entendimento. Ele é a luz, sob cuja luminosidade os entes todos são conhecidos, e na medida que ilumina os entes é conhecido ele próprio” (DE BONI, 1999, p.50).

³⁷ *Itin*, VI, 7, p.344.

³⁸ *Itin*, VII, 4, p.346. Texto latino: “In hoc autem transitu, si sit perfectus, oportet quod relinquatur omnes intellectuales operationes, et apex affectus totus transferatur et transformetur in Deum. Hoc autem est mysticum et secretissimum [...]”.

razão observa, mas não consegue captar a sensação ou significado dela, pois não a experienciou. Ela não consegue transmitir fielmente todo o gozo que ocorre quando se dá esta união entre o ente e o Ser. É assim que Boaventura fecha seu pensamento “por Cristo, com Cristo, em Cristo”. É em busca de sua finalidade que o homem busca o Sumo Bem, sendo Jesus Cristo crucificado o caminho e terminando o itinerário do homem na união mística com Cristo. Não obstante, ocorre também a união de todos os saberes novamente. É dessa forma que Boaventura fecha ‘círculo’, aquilo que é o princípio torna-se o final de tudo³⁹.

Faremos aqui uma breve digressão para enfatizar a importância de Deus para o processo do conhecimento. Para Boaventura, assim como para todo pensador medieval, Deus é a primeira causa, é "o princípio e a plenitude fontal dos seres". Ele é a causa originária, o princípio do ser e do conhecer. O conhecimento só é possível e verdadeiro se estiver alicerçado neste primeiro princípio. Por isso, o franciscano diz "a origem de toda a iluminação e, ao mesmo tempo, ela ensina a liberdade da emanção em múltiplas luzes a partir da luz fontal"⁴⁰.

Ora, parece evidente que Deus ocupa no pensamento de Boaventura a primeira causa, o modelo originário que cria tudo e é incriado; o “Ser mesmo”, o “Ser puro”, o “Ser absoluto” que exclui qualquer possibilidade de não-ser⁴¹. Ele é primeiro, porque não é derivado de nada, nem de ninguém; e justamente por não derivar de nada Ele existe por si, já que é perfeito e uno⁴². Não obstante, além de ser a primeira causa é também a finalidade de tudo, pois “o Ser puríssimo e absoluto – isto é, o Ser por excelência – é o primeiro e o último. Por isso é a origem de todas as coisas e o fim que as consuma”⁴³. Deus é a origem e a finalidade de todos os entes. É Nele que repousa todo o Ser de cada ente da natureza. Dito de outra forma, se

³⁹ O fato de ter um fundamento último, no qual tudo parte e a ele tudo volta, não se restringe somente a organização dos saberes, mas é a própria visão histórica de Boaventura. Segundo De Boni: “seu pensamento [Boaventura] é perpassado por uma compreensão organizada do ser e do saber, reduzindo-os a um só ponto de referência que os possibilita e explica” (1999, p.38).

⁴⁰ *RC*, 1, p.351. No *Itinerário*, logo no prólogo, ele menciona "começo por invocar o primeiro princípio, isto é, o eterno Pai, 'Pai das luzes, fonte de todo conhecimento'" (1, p.291). E no *Cristo, único mestre de todos* ele reafirma Cristo como o princípio fontal da iluminação cognoscitiva, origem de toda sabedoria e fonte de todo o conhecimento certo (1, p.371).

⁴¹ Diz Boaventura: "verá que o Ser mesmo comporta em si tal absoluta certeza, que é impossível concebê-lo como não existente. Porque o Ser puríssimo exclui essencialmente no pensamento o não-ser [...] assim o Ser absoluto nada tem do não-ser" (*Itin*, V, 3, p.332).

⁴² *Itin*, V, 5, p.334.

⁴³ *Itin*, V, 8, p.337. Texto latino: “[...] quia igitur *esse* purissimum et absolutum, quod est simpliciter *esse*, est *primarium* et *novissimum*, ideo est omnium *origo* et *finis consummans*”.

Deus criou tudo o que há no universo somente nele o homem encontrará todas as respostas para as suas inquietações e desejos. Para isto, torna-se necessário se lançar neste itinerário⁴⁴.

Conclusão

Conforme foi dito, podemos afirmar que o homem, ao lançar-se no processo do conhecimento dos primeiros princípios, encontra em Deus, como “Ser absoluto”, a garantia do conhecimento verdadeiro e seguro. Em última instância, é nele que encontramos as diversas formas ontológicas dos entes⁴⁵. Eles, por seu turno, são organizados hierarquicamente – *vestígio, imagem e semelhança*- donde temos acesso através de um processo⁴⁶ que começa com os sentidos, passa pela razão e acaba numa experiência mística. Desta maneira, conhecer o Ser significa aproximar-se de Deus, atingir a finalidade para o qual o homem fora criado (o repouso do sétimo dia) e se assemelhar-se a Ele. A pergunta, “se podemos ter acesso à essência dos seres?” agora pode ser respondida: não plenamente. Podemos sim ter acesso à essência dos seres, mas de um modo imperfeito; plenamente só em Deus. Neste sentido, o conhecimento é possível na medida em que revelamos o ser das coisas. Podemos concordar com De Boni; “o ser das coisas torna-se, pois, de certo modo, um desvelamento do ser divino”⁴⁷.

Se as anotações feitas aqui sobre *ser* e *conhecer* estiverem certas, poderíamos nos perguntar sobre as implicações que este assunto teria na ética do Doutor Seráfico, uma vez que o homem tem a capacidade de observar a lei divina na natureza, qual seria a melhor forma de agir? Ou, como Boaventura aborda, se é que ele aborda, a questão do livre arbítrio e da presciência divina? Ou ainda, como estipular o dever ser, se não temos totalmente estabelecido o Ser? Estas perguntas ficam para um próximo estudo.

⁴⁴ Nas palavras de BOEHNER: “rather, the *Itinerarium* is addressed to those who are ready to answer the divine call to live the mystical life and to taste of God’s sweetness in ecstatic union” (2002, p.19).

⁴⁵ “A criação tem, pois, como pressuposto, que Deus conhece sua perfeição como algo que pode ser imitado nas coisas criadas, que quer criar tais coisas devido à sua bondade, que se quer expandir a fim de que também os seres finitos, na medida de suas possibilidades participem de sua perfeição infinita” (KAUP *Apud* DE BONI, 1999, p.41).

⁴⁶ Para DE BONI “Boaventura desenvolve uma teoria do conhecimento onde o aspecto de unidade é reforçado à custa de uma conciliação entre idéias aristotélicas e neoplatônicas” (1999, p.48).

⁴⁷ DE BONI, 1999, p.40.

Referências

S. BONAVENTURAE. **Opuscula Varia Theologica**. Tomus V. Ad Claras Aquas (Quaracchi): Ex Typographia Collegii S. Bonaventurae, MDCCCXCI.

_____. “Itinerário da Mente para Deus”. In: **Boaventura de Bagnoregio: escritos filosófico-teológicos**. V.1. Introdução, notas e tradução de Luis A. De Boni e Jerônimo Jerkovic. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1999, p.289-348.

_____. “Redução das Ciências à Teologia”. In: **Boaventura de Bagnoregio: escritos filosófico-teológicos**. V.1. Introdução, notas e tradução de Luis A. De Boni e Jerônimo Jerkovic. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1999, p.349-367.

_____. “Cristo, único Mestre de Todos”. In: **Boaventura de Bagnoregio: escritos filosófico-teológicos**. V.1. Introdução, notas e tradução de Luis A. De Boni e Jerônimo Jerkovic. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1999, p.369-386.

BOEHNER, P. **Wors of St. Bonaventure: *itinerarium mentis in deum***. V. 2. Introduction and Commentary by Philotheus Boehner. New York: Franciscan Institute Publications, 2002.

BOUGEROL, J. G. **Opere di San Bonaventura – Introduzione Generale**. Roma: Città Nuova Editrice, 1990.

DE BONI, Luis Alberto. “Apresentação”. In: **Boaventura de Bagnoregio: escritos filosófico-teológicos**. V.1. Introdução, notas e tradução de Luis A. De Boni e Jerônimo Jerkovic. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.13-62.

MERINO, José Antônio. **Historia de la Filosofía Franciscana**. Madrid: B.A.C. 1993, pp.33-104.

Recebido em 21.Mar.2013.
Aceito em 15.Abr.2013